

CINE

REVISTA MENSAL DE ARTE CINEMATOGRAFICA

Editor A. CALDERON DINIZ	Director PAULO FRAZÃO	Sec.º da Redacção MÁRIO PIRES
-----------------------------	--------------------------	----------------------------------

A NOSSA REVISTA

SURGE hoje, num cântico de esperança, o 1.º numero da revista CINE que vai difundir no nosso meio a ARTE DO SILÊNCIO. Aparece porque fazia falta e nisso está eloqüentemente demonstrada a sua razão de ser. Quando a Arte cinematográfica envolve o mundo inteiro numa avançada formidável de progresso, chegando até nós, neste calcanhar do mundo, lamentável seria que Portugal não tivesse uma revista de Cinema condigna e tão perfeita quanto possível. O nosso esforço gerou-a e, assim, a apresentamos ao público, na esperança de que êle nos auxiliará para que a sua propaganda alastre e frutifique benêficamente.

No momento que atravessamos, depara-se-nos o velho teatro (cantado e declamado) sentado tristemente na soleira do Desalento mais atroz, enquanto o cinema avança, numa marcha triunfal, hasteando o pendão rubro dos grandes triunfos.

O venerando «Teatro de S. Luiz», por onde passou uma geração gloriosa de grandes artistas dramáticos, transformou-se num magnifico cinema, com todos os confortos e comodidades. O «Politeama» ostenta um esplêndido «écran», onde perpassam as mais belas maravilhas da Arte Muda. E seguem-se outros cinemas como o «Tivoli», o «Odeon», o «Olimpia», cujos bilhetes são disputados com muitos dias de antecedência, enquanto os dramas, as comédias e as revistas que os melhores actores e actrizes se empenham por manter, difficilmente se agüentam.

Hoje em dia, o Cinema apresenta já as mais perfeitas orquestras sob a regência dos mais autorizados maestros. E a acção passa vertiginosamente, patenteando-se com a maior nitidez no «écran». Nada ali falta. Não existem os obrigados intervalos para montagem dos novos scenários... Tudo rápido, tudo a correr como a vida que levamos. Não há o perigo de que o protagonista adoeça ou falte, por qualquer motivo, à sua entrada em scena. Tudo prático, tudo rápido. E a acção passa...

Não desejamos que o velho teatro acabe. Não! O que desejamos é que se vigorize e apresente novas criações geniais que empolguem o público e o voltem a atrair ao seu seio.

CINE, apresentando-se hoje pela primeira vez, toma o compromisso de mostrar aos seus leitores todo o movimento mundial do Cinema. Que este esforço seja coroado de êxito.

O SARGENTO MÁ-CARA

Um dos filmes mais notáveis da América do Norte, é, sem dúvida, *O Sargento Má-Cara*, produção essa em que a personagem principal é um tipo curiosíssimo



Lon Chaney

criado pela imagem dum grande escritor 'yankee'.

Em Chicago vive ainda o sargento O'Hara, da infantaria de marinha, que se tornou popular pela alcunha de «Má-Cara», pela rudeza do seu carácter. Esse antigo soldado cobriu-se de glória no último conflito mundial, tornando-se, no seu regresso aos Estados Unidos, um dos tipos mais populares do seu país.

Em face disso, algumas empresas editoras convidaram-no a escrever as suas memórias.

O velho guerreiro assim fez, vendendo-se muitos milhares de exemplares do interessante volume, sendo nas suas páginas que o célebre actor Lon Chaney se inspirou para interpretar o seu difícil papel.

Quando O'Hara soube que a sua história guerreira estava para ser passada no *écran* manifestou o desejo de conhecer o trabalho de Chaney, partindo de Chicago para Culver City, a fim de assistir à sua exibição.

Esta, porém, era destinada apenas ao pessoal da Metro Goldwin, vendo-se Chaney em sérios embaraços para que O'Hara pudesse assistir.

O actor e o antigo sargento sentaram-se um junto do outro. A medida que a projecção avançava, o sargento O'Hara emocionava-se mais, a tal ponto que mais duma vez lhe saltaram as lágrimas, comovido com a recordação da sua vida passada. Ao terminar, disse ao artista:

Dir-se-ia que é a minha própria vida projectada num espelho, só mudando as imagens. Se tivesse existido o sargento que o sr. Chaney incarna e o encon-

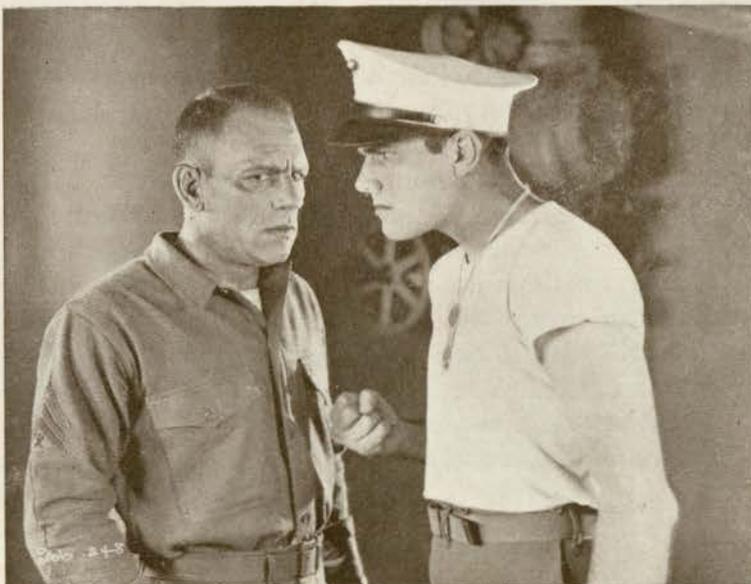
trasse no meu caminho, decerto que fugiria completamente tranzido de medo».

Para a realização do curioso filme foi necessário construir várias ruas e panoramas da China, pois ali se desenrolaram quasi tôdas as suas cenas.

O filme é dum realismo surpreendente, tendo episódios emocionantes.

A vida de Chaney é curiosa. Entrando em criança para empregado menor dum teatro, entretinha-se a examinar, pelo buraco da fechadura, como se caracterizava Richard Mansfield. Atraído pela sua vocação, chegou a fazer-se actor, passando pouco tempo depois a pintor decorador. Foi scenógrafo e voltou a representar, tornando-se notado pelas suas admiráveis caracterizações. Os maus negócios afastaram-o de novo do teatro, aparecendo, então, no filme *Nossa Senhora de Paris*, onde se revelou um portentoso artista. D'aí em diante, os triunfos de Chaney tem-se sucedido no *Pássaro Negro* e no *Wu si chang*, no *Fantasma da Ópera*, etc.

Segundo as abalizadas opiniões de grande número de cineastas, Lon Chaney é o maior característico do cinema. A ingénua confissão do sargento O'Hara dá-nos uma ideia exacta do poder de transformação de Lon Chaney. A composição de todos os seus tipos é tão perfeita que, em todos os filmes em que entra, chegamos a olvidar o artista para só vermos e sentirmos a personagem que Lon Chaney encarna.



AS GRANDES ESTRELAS

NORMA TALMADGE

E AS DEBUTANTES CINEMATOGRAFICAS DE HOJE EM DIA

Quando surge no «écran» a figura graciosa e esbelta da protagonista de qualquer «filme» largamente reclamado, muitas das nossas gentis patricias sentem-se atraídas para a Arte Muda e suspiram pela América que é, a seu vêr, a única terra em que os sonhos de ouro e gloria podem ter realização.

Antigamente, desejavam ir para o teatro, agora querem ir para o cinema.

Mas, acalentando essa utopia, as tráfegas morenas de Portugal e Algarves desejam seguir para os «estudios» de Hollywood com a certeza duma entrada no céu cinematográfico como artistas consumadas, como estrelas de primeira grandeza.

E' nisto que está o seu engano gerador de tantas desilusões amargas...

Agora, em pleno século fotogenico, quando os cinemas atraem, com enormes vantagens, o publico já enfasiado das tremendas estopadas dos teatros de de clamação e canto, é natural que algumas das nossas leitoras sintam uma atracção ainda mais forte pela vida cinematográfica. E, por isso, devem ter sempre em mente um dos mais belos exemplos.

Norma Talmadge, a actriz de cinema que hoje gosa de fama universal, começou por debutar num filme, cujo protagonista era um cavalo. A' debutante foi confiado um papelito secundario, banalissimo que passava absolutamente despercebido. Não desanimou, apesar de tudo. Lutou com perseverança, teve confiança em melhores dias — e venceu. Hoje é a actriz extraordinaria que todo o mundo conhece e admira. Não lhe irão perguntar quantas desilusões sofreu, nem quantas vezes teve de recalcar e seu

amor proprio. Não tratarão de inquirir quantas lagrimas verteu em silencio para conseguir os 15 miseros dollars que magnanimamente lhe ofereciam pelo seu trabalho durante toda uma semana. Não tratarão de desvendar quantas e quantas vezes a pobre Norma pensou em abandonar o «estudio» para seguir a vida

monotona de dactilografã de qualquer escritório. Não tentarão sondar esse punha lo de coisas pungentes que em toda a sua amarguras, são eloquentemente verdadeiras. O que nunca poderia provar-se é que a grande artista Norma Talmadge tivesse as pretensões ridiculas de muitas meninas de agora que da Arte Muda apenas conhecem a obscuridade dos filmes tão propicia aos seus nêrvos de «cinemáticas amorosas». Não. A artista genial que faz parte da constelação de estrelas que fulguram no vasto firmamento cinematográfico aceitou o seu primeiro papelito insignificante com a alma cheia de fé no futuro. Debutou junto dum cavalo e foi estrela...

Outras seguindo caminho opositos, começarão por querer voar até ao céu estrelado e acabarão por tombar na terra patinhada pelos tristes mortais da sua espécie...

A vida, mesmo a vida artistica é assim! Para se vencer e triunfar na vida preciso ter-se duas coisas (se coisa lhe podemos chamar) que são talento e perseverança. A vaidadesiuha inerente virá depois... E assim fica dado um conselho ás nossas patricias que julgam estar já a lucitremer como estrelas num ceu imenso de ilusões e gloria.



Norma Talmadge no filme «A Única Mulher»

GOMES MONTEIRO

OS GRANDES GÉNIOS DO CINEMA

POR

GEORGE K. ARTHUR

A principal qualidade do artista cómico ou dramático é, a meu vêr, a compreensão perfeita da vida de um povo, sem o que a interpretação de qualquer papel será relativamente mediocre, não constituindo a expressão da realidade. Consequentemente a compreensão é o principal agente do grande successo e do mérito de artistas como Lon Chaney, Emil Jannings e outros da mesma fama.

Todos os grandes actores dramáticos, quer do palco, quer do cinema, têm sempre em vista, a emoção das plateias e do público em geral.

Ha em cada actor uma inclinação qualquer para imitar com extraordinário génio, exageradamente ou não, certas figuras notáveis do palco e da história. A maior prova disso dá-nos, agora, Charles Spencer Chaplin, que tenciona interpretar, na sua maneira natural, Napoleão I.

No curso das minhas varias entrevistas com os grandes «stars», conheci a realidade das suas ambições e tôdos os esforços que elles dispendem para alcançar a fama. Esses artistas que, hoje, estão no apogeu da sua maior glória, procuram sempre, com os seus conselhos, auxiliar os mais novos sobre os varios pontos de vista da arte, muito embora haja em cada um deles uma técnica bem diferente. Seja, porem, como fôr, esses conselhos são, sem dúvida, de suma importancia para os novos aspirantes ás glórias da arte muda.

É erro muito grave julgar-se que Lon Chaney atingiu o cume da glória por sêr um grande contorsionista. A grande fama que, finalmente, lhe adveio, é, pelo contrario, apenas devida ao seu grande poder de exteriorisação, sentindo e quasi vivendo os seus papeis.

Não é facil, como poderia parecêr, para um artista representar, hoje, este; amanhã, aquêlê papel, como,

por exemplo, o consegue o extraordinario Karl Dane. Em qualquer dos casos, o artista precisa estudar conscienciosamente a interpretação de cada papel, de modo a senti-lo como o sentiria o proprio individuo cujo papel vai interpretar, visto que, sem tal esforço, tudo resultaria inutil.

E tanto assim é que, se verificarmos as fitas boas e más do mesmo actôr, terêmos, como resultado final, que os personagens inadequados são as causas exclusivas dos insuccêssos.

Por conseguinte, o bom artista é tão indispensável para o cinema, como o bom actôr o é para o palco. Desde que o artista estêja deslocado do papel que faz, os efeitos, por melhores que sejam, desaparecem totalmente.

Sendo assim, está explicado o motivo dos extraordinários contrátos com os artistas do quilate de Lon Chaney, Karl Dane e outros.

Roy d'Arcy é outro artista digno de citação, pois não ha dúvida que é um grande génio artistico e o melhor intérprete, nêstes ultimos tempos, dos papeis de vilão.

Emquanto discôrro sobre este assunto, não será deslocado falar um pouco sobre os artistas comicos. Para os artistas comicos não há mêio têrmo: ou são extraordinarios ou não prestam. Só os grandes têm o direito de exhibir-se. O contrario seria enfadônho e insuportável, pois não ha coisa piór de que aturar um comico *manufacturado* ou *feito por medida*.

William Haines é, na minha opinião, o artista mais capaz de distraír uma plateia inteira sem a cançar, unicamente pela naturalidade do seu trabalho.

Mas, seja qual fôr o artista, ou comico ou dramático, nenhum alcançará, sem um esforço dedicado e sem o profundo estudo de todos os aspectos da vida a fama e a gloria que ha-de immortalisar a sua carreira artistica.

NOTICIAS PORTUGUESAS

COMO se faz um grande jornal é um documentário fora do vulgar que Fernandes-Thomás tem quasi concluido e de cujo argumento é autor o illustre jornalista Augusto Pinto.

CONTINUA a azáfama por parte da comissão encarregada do estudo e redacção da lei de protecção à industria cinematográfica nacional. Num dos próximos números publicaremos uma sensacional entrevista com uma individualidade em destaque no nosso meio cinematográfico e que á causa do desenvolvimento da industria do filme tem prestado revelantes serviços.



Francisco Sena

O magnifico artista da «Fatima Milegrosa»

TAGUS Film L.da é uma nova Empresa cinematografica que se propõe confeccionar peluculas portuguesas. Iniciarà brevemente o seu primeiro trabalho. No proximo numero daremos mais informes.

CONSTA que Reinaldo Ferreira tenciona iniciar brevemente os trabalhos para a confecção duma pelucula portuguesa que se intitulará «9 de Abril». Os interiores serão realizados no estúdio da Invicta Film, do Porto.

ORGANIZADA pelo jornalista Pedro Muralha e chefiada pelo operador Fernandes-Thomás, fundou-se, em Lisboa, a Brigada Cine-Portuguesa, que se propõe filmar nas nossas colónias. A Brigada parte de Lisboa em meados do mês de Junho.

ARTISTICA

DE LEITORES DO «CINEMA»

JANET GAYNOR é o assunto do dia. «A Hora Suprema» consagrou-a em Portugal. Está presente ainda a impressão que o seu trabalho produziu.

Janet Gaynor simboliza, duma forma perfeita, esta palavra: — *Humildade*. Dentro da cinegrafia, ninguém como ela incarna, com tanta verdade, as personagens obscuras e simples. A sua interpretação, neste género, é assombrosa de beleza, verdade e sentimento. Ela eleva as figuras, tira-lhes o aspecto terreno, guinda-as ao apogeu, divinizando-as. Só um verdadeiro temperamento de Artista pode conseguir milagres desta natureza.

Artista não é «aquele» que «quere». O Artista não trabalha unicamente com o cérebro. A Alma também toma parte. Em Janet Gaynor tudo é coração. Eis o seu maior colaborador.

Um argumento pode ser pobre, falho de interesse mas, interpretado por Janet Gaynor, transforma-se num poema de amor e ternura.

*
* *

Os triunfos de Janet Gaynor contam-se pelos filmes em que toma parte. E, caso interessante, ela não é bonita, tão pouco elegante. E' simpática.

A simpatia que a sua figura expende, inocula-se em nós, integra-se no nosso ser, avassalando o espírito num amplexo indestrutível de beleza e emoção.

A par desta simpatia dominadora, outra qualidade enorme Janet Gaynor possui. E' o jogo fisionómico. As máscaras que ela cria e exhibe são moduladas por um delicado cinzel — a Alma. A verdade nasce na Alma porque nela existe a luz divina; luz que tudo depura. As expressões de Janet Gaynor, têm reflexos dessa claridade e, por isso, deslumbram e encantam. Que grande artista, a Janet Gaynor!

Janet Gaynor brilha, como estrela de primeira grandeza, no firmamento de Hollywood.

Noutro lugar, a cognominámos: Pérola, Pérola Única.

As pérolas, quando são valiosas, usam-se raramente, só de vez em vez saiem do guarda-joias para adornarem os niveos colos das damas. Janet Gaynor — a «Pérola» — só de tempos a tempos, se mostra. Esperemos, pois, ansiosamente, que «A Aurora» se exhiba em Portugal para enchermos os olhos, novamente, da figura semi-fluida da Janet Gaynor.

M. PIRES

GEORGE K. ARTHUR

»UA

As respostas que forem enviadas á nossa redacção representam, como se comprehende, outros tantos votos para esta eleição artistica que pretendemos realizar e que proclamará definitivamente o triunfador.

Em todos os paises existem preferencias por esta ou aquella figura do «écran». Urge, portanto, salientar as nossas. Poderiamos citar factos curiosissimos ocorridos em várias partes do mundo a proposito da popularidade de varios artistas cinematograficos; poderiamos relatar momentos de entusiasmo frenético entre multidões enormes ovacionando o

seu idolo; poderiamos narrar scenas emocionantissimas de pessoas que chegaram a recorrer ao suicidio como único lenitivo á dôr que a morte do seu preferido ou preferida lhe causou... No entanto, como citar nomes poderia constituir uma tal ou qual parcialidade eleiçoeira e até uma especie de coacção á liberdade de pensar e sentir que os nossos leitores e leitoras devem ter muito sua, limitamo-nos a apresentar-lhes as efigies dos candidatos e candidatas para que votem em quem melhor lhes pareça. *Cine* limitar-se-ha a fazer o escrutinio e a publicar os resultados desta votação artistica e encantadora.

ARTISTICA

OS LEITORES DO «CINE»



E, falando nas grandes artistas, a nossa pergunta engloba também :

QUAL É O ACTOR CINEMATOGRAFICO SEU PREFERIDO?

A resposta vai ser difícil certamente. Ha tantas estrelas, tantas, tantas, no vasto firmamento da cinematografia! Na escôlha está empenhada a sensibilidade dos nossos leitores e leitoras.

Que cada um perscrute nas suas reminiscencias os grandes filmes que tem visto e admirado e eleja a figura que mais o impressionou. Que seja nos grandes dramas italianos onde se estorce a dôr pungente que alanceia e canta, chora e fenece, numa agonia de ave ferida, no scenario festivo da Natureza em flôr; quer seja nas acções de aventuras americanas em que os comboios se despenham nos mais pavorosos precipicios, os ban-

didados das florestas se lançam na caça ao homem e ao ouro, vencendo distancias enormes em correrias vertiginosas de automoveis de boas marcas; quer seja, finalmente, nas farças disparatadas que fazem a maior alegria das crianças e até dos adultos, em tudo isso surgirá o actor e a actriz preferidos. Escolham pois, e dignem-se enviar a resposta á Redacção da «Cine» — L. Trindade Coelho, 10 e 11, Lisboa, para ser feita a descarga nos respectivos cadernos eleitorais.

Ao contrario de todas as eleições, nestas não são apresentados candidatos. Os nossos leitores é que os devem escolher.



**BEBE
DANIELS**

A graciosa vedeta americana no filme da Paramount «She's a Sheik», uma das suas últimas criações

A PAISAGEM NO CINEMA

O leitor deve ter sido assaltado mais de uma vez, durante a projecção duma película, da dúvida seguinte: esta ou aquela scena, este ou aquele aspecto de paisagem terá sido colhido do natural? E a duvida é

tanto mais legítima, quanto se verifica claramente que nem as pedras, nem as arvores, nem nenhum dos elementos da paisagem parece artificial e, no entanto, tudo aquilo oferece um aspecto de decoração teatral.

Em geral, êsses pedaços de film vão impressionados no interior dos estúdios. Um desenhador faz a *maquette*, como se se tratasse duma decoração vulgar apontando nela todos os accidentes do terreno que possam dar o que podemos chamar «personalidade» á paisagem. Os carpinteiros constroem, a seguir, o esqueleto da decoração, com o qual se reproduzem grosseiramente os accidentes do terreno apontado no trabalho do desenhador. Terminada esta tarefa duma grande e elementar simplicidade, a planície ou a colina cobrem-se de areia, ao mesmo tempo que se colocam aqui e ali vários penedos, a fim de dar a impressão da realidade. Entra então em scena um horticultor, que faz com que o solo se revista da vegetação que convem ao episódio que se vai filmar, collocando-se, por último, um grande pano de fundo com a conti-

A sua construção nos studios, tendo grandes vantagens, tem também numerosos inconvenientes.

nuação da paisagem, se é de dia, ou uma grande cortina negra, se é de noite.

Com isto apenas se cria um exterior. Mas, para que o espectador não possa dar pelo engano, é necessário observar rigorosamente as leis da perspectiva, guardando com o maior cuidado as proporções. E isso não é tão fácil como à primeira vista se julga.

Consequindo, porém, este efeito, é indispensável animar a paisagem—e isso realiza-se com uma hélice de avião, que fornece o vento de que se necessita.

Como se vê nada de mais simples. Mas em face disto, pergunta-se: vale a pena construir paisagens no estudio, quando podem utilizar-se as da natureza?

Sob o ponto de vista financeiro, fàcilmente se verifica que convem procurar a paisagem na natureza, em vez de construí-la no estúdio, excepto, é claro no caso dos artistas terem de deslocar-se para longe. Sob o ponto de vista técnico, porém a paisagem construída no estúdio, se tem inconvenientes, tem também as suas vantagens.

A principal consiste em que o realizador dispõe da luz como

quer, ao passo que ao ar livre o emprêgo da luz artificial só se consegue à custa de muito trabalho, embora ultimamente se tenham feito grandes progressos a este respeito. Em

troca, porém, no estudio tropeça-se com o grave inconveniente de que a scena que se deseja só pode impressionar-se dum dos ângulos, ao passo que ao ar livre se pode colher de toda a parte, visto que tem sempre um fundo verdadeiro.

Se examinarmos o caso sob o ponto de vista artístico, essas vantagens e êsses inconvenientes aparecem-nos de igual modo. Daquelas a mais aparente é que o realizador procura uma paisagem exactamente igual ou o mais semelhante possível à que tinha imaginado, com todos os detalhes que julgou necessários à sua boa realização. Mas essa vantagem, que é realmente grande, faz-se acompanhar duma série de inconvenientes. De facto, é muito difficil, senão impossivel, conseguir que a paisagem construída não dê o aspecto duma coisa de teatro. E' preciso que o decorador seja verdadeiramente extraordinário e que possa dispor de grossas quantias para triunfar dêsse obstáculo.

Eis em poucas palavras o que sôbre o assunto é de uso fazer em cinema e tem constituído para muitos dos seus adoradores um dos seus segredos.

O REINO DA NEVE



A cinematografia oferece um largo raio de acção. O estudo da natureza está facilitado pelos inumeráveis recursos da Setima Arte.

Com certa frequencia se vê, na tela, o movimento de infusorios e doutros animais de infima especie. A cronocinegrafia é um facto. Nos países onde a educação merece um disvelado carinho, são as prelecções dos mestres acompanhadas pela projecção de imagens animadas, acordantes com o espirito da lição, que completam e facilitam o trabalho do professor e dão ao estudante uma noção exacta do que deve saber.

As regiões ignotas perdem os seus segredos perante a persistencia das objectivas, e assim não é raro ao espectador, que em qualquer cinema assiste á exhibição dum programa, ficar absorvido na contemplação de quadros de fantastica e selvagem beleza que os operadores de arrojadas expedições, na sua simpatica tarefa impressionam debaixo de inumeráveis perigos.

Na nossa recente passagem por New-York tivemos ensejo de admirar, num dos principais cinemas, a pelicula «O Reino da Neve» cuja filmagem foi executada em Alaska a quando da expedição do capitão Jack Roberston e do seu comheiro Art Young.

«O Reino da Neve» é de encanto maravilhoso. Desde as Montanhas Rochosas donde a expedição partiu até aos imensos «Campos» de gelo do mar de Behring, todo «O Reino da Neve» oferece um deslumbramento sem par à penetrante curiosidade dos olhos.

Centenas de kilometros onde o carvão existe á flor da terra, a derrocada do Yukon, o sol da meia noite e outras tantas maravilhas da Natureza são características que este precioso documentario oferece á nossa visão. Alaska longinqua que alguém assim definiu:

«Terra em que as montanhas não têm nome, e em que os rios correm, só Deus sabe para onde».

Siga-se o caminho dum rio caudaloso e sussurrante que se embrenhe por escarpadas montanhas; volte-se, passado tempo, e encontrar-se-ha uma trajectoria diferente. Segredos de Alaska... encantadores misterios!...

A fotografia, de uma profundidade de foco notavel, apresenta uma serie de angulos bizarros cuja escolha denota o espirito dum verdadeiro esteta.

Por tudo o que dito fica, se justifica sobejamente o contentamento que sentimos ao saber que «O Reino da Neve» se encontra em Portugal e que a sua exhibição terá lugar, brevemente, num dos melhores cinemas de Lisboa, podendo então os leitores da «Cine» ajuizar a razão do entusiasmo que este filme em nós produziu.

A distribuição de «O Reino da Neve» é feita pela casa Castelo Lopes, L.^{da}.

P. A.



O PROBLEMA DA PRODUCTIVIDADE FILMICA EM PORTUGAL

Por: Antonio Lourenço

FINALMENTE!

Já não era sem tempo!

O nosso meio cinematográfico voltou a animar-se. Ilumina-o o clarão de uma nova ideia... Quebram-se enfim as grilhetas da apatia. Eis porque os animos estão em festa...

O caso á primeira vista, parece carecer de importancia muito embora ele pretenda radicar a convicção de querer exceder a nota vulgar que caracteriza o *espi-rito* que ressurgem... De facto, pela moça afectividade que esse *espi-rito* condensa, pelo poder extraordinario que se infere das suas salutaes e fecundas tendencias, e ainda pe a vitalidade e objectivo da sua doutrina que prete de a todo o transe fixar se para melhor corrigir os erros iniciaes perpetrados por uma negligente e pecaminosa prodigalidade — classificamo-lo de inédito.

Mas, como não estamos acostumados a estes rasgos de audacia e renovação por parte de um temperamento tão apático e retrogrado como o nosso, descremos sempre dos seus resultados e acabamos por negar-lhe o entusiasmo, o esteio e a protecção que a sua magnitude requiere.

Há, porém, uma excepção: — somos nós.

O assunto interessa-nos sobremaneira.

Registamo-lo n'estas columnas porque a sua essencia explende uma Oração de Fé, uma afirmação de Beleza ráica: — *pró cinema português*.

Bastaria este principio para o acolhermos com jubilo. Propagando-o, servi-

mos a Causa; pugnando por ele, servimos a Arte. Eis o nosso lema.

Mãos á obra, pois, cinéfilos. Nada de tibiasas. Teuhamos confiança em nós próprios. Os nossos rogos não hão de ficar sepultados na treva... Porem, cuidado. Os passos irreflectidos são os preludios dos grandes er-

ros !... E um erro de inteligencia nunca logrou construir um bom exito! Portanto, actuemos com o cerebro, para que se reconheça coerencia nas nossas premissas.

O problema é complexo, quiçá escabroso. Não o construamos para delectar ou recrear os espiritos de quem quer que seja. Não. Não sejamos bôbos.

O problema, repetimos, é uma equação cujas incognitas desconhecemos. Determinemos, pois, os seus valores. E' deles que depende a sua solução.

*

Em Portugal, a cinematografia, ressentiu-se sempre de uma falta tremenda que computa toda a sua mediocridade: — *preparação tecnica*. Desde o primeiro ao ultimo filme, a ausencia de conhecimentos neste capitulo prova-o sem contestação. A quem attribuir a culpa? A todos e a ninguem. Todavia, aqueles iniciaram a sua industrialização entre nós, são os unicos, os verdadeiros responsaveis porque legaram ao Presente uma obra deprimente e vergonhosa. Exageramos? Não.

Os filmes que a constituem declinam com propriedade a sua incompetencia. Aparte um ou outro caso isolado que marcou mais pelo rasgo e prestigio individual que propriamente pelo artistico, os restantes foram consagrados por um indiscutivel e merceido fracasso.

Nem outra coisa era de esperar.

Partindo do principio que um trabalho impõe-se na generalidade pelo seu valor intrinseco, o patri-

(Continua na pagina 23)

FÁTIMA MILAGROSA

O FILME PORTUGUÊS CONSAGRADO PELA CRÍTICA E PELO PÚBLICO

DISTRIBUIÇÃO

<i>Maria Judice da Costa</i>	Condessa de Unhaes	<i>Fé Fernanda</i>	Fernanda de Alemquer
<i>Ida Krüger</i>	Maria Helena (filha dos Condes de Unhaes)	<i>Antero Faro</i>	Antero de Alemquer
<i>Aida Lupo</i>	Aninhas (a paralitica)	<i>Francisco Sena</i>	José, o velho mordomo
<i>Natércia Silva</i>	Tia de Aninhas	<i>Rafael Alves</i>	Conde de Salgueiros
<i>Alice Ogando</i>	Odette, «alma irmã do jazz-band»	<i>Alberto Miranda</i>	O procurador
		<i>Carlos Azedo</i>	O boêmio
		<i>Lea Nioko</i>	A bailarina

FALAM OS CRITICOS:



.....
E «Fátima Milagrosa»
boas vontades — é um
devem ouvir, é o mais
ao progresso do cinema

.....
«Fátima Milagrosa»,
no seu tempo, de Os
despeito do incontestável
constitue a melhor pro
até hoje realizada.

Que maravilha os jar
de Unhaes! Que encant
de Guimarães ascende
descobrem os mais lir
as vistas de Leiria e de
para Fátima, nos mos
Desconhecidos — e dep
automovel passando p
etc., logares cheios de e
para muitos ignorados,
do mais completo agr
poesia, na scena final,
solar do Minho, onde
lhosos jardins floridos,
arrancados a um cont
que tão risonhamente se
com a felicidade que,
todos os personagens!
scenas de ar livre, co
Lupo nos extasia ajuda
cia fotográfica de Laum
evidenciada melhor que
res — que dão a toda a
cunho aristocrático, or
rados naturais realçam
tos de incontestável e
beleza!

Alberto Arma
(Do Esp

da
galo
an
erno
e o
de
Mi

vale
mais
terá
tra
dia
ba-
de
ds
nos
pai-
rac-



.....
teres bem nossos, bem da nossa
Grey. E é esse o seu maior e
mais incontestável título de glori-
ria...

Claudio & Antonio
(Do Noticias Ilustrado)

.....
«Fátima Milagrosa», que on-
tem se exhibiu em sessão parti-
cular no salão Rivoli, não repre-
senta só um enorme dispendio
de capital digno de todo o cari-
nhoso auxilio. Pela grandeza da
sua concepção, pelo seu emocio-
nante entrecho — novela humana
e florida de sentimento — pelos
seus descritivos panoramicos a
«Fátima Milagrosa» reúne todas
as condições para triunfar, equi-
parando-se ás boas produções
cinematográficas.

(Do Primeiro de Janeiro, do Porto)

.....
Esta nova obra que kino Lupo, o abalisado enscenador cinematográfico, argumentou e realisoou maravilhosamente esta sem duvida destinada a um enorme sucesso e a cair em absoluto no agrado do público, porque sai fóra dos moldes vulgares em que, em Portugal, é costume realizar-se as obras cinematográficas.

(Do Comercio do Porto)

.....
O conhecimento da nossa psicologia é a melhor qualidade de Rino Lupo, o realizador e scenarista de «Fátima Milagrosa». O titulo da película justifica isto. Basta dizer que tendo «Fátima Milagrosa» um entrecho simples e despido de grande interesse, consegue agradar. Este agrado é proveniente da parte documentaria, localizada, em grande parte, em Fátima

.....
Nas últimas partes, porém, já ha mais cinematografia. Rino Lupo, aqui, imprimiu movimento, aproveitou, em Fátima, a grande massa dos peregrinos, criou interesse com a miraculosa cura da paralitica. As ultimas partes satisfazem.

(Do Diário de Noticias)

.....
A critica avaliou assim a película «Fátima Milagrosa». Nada mais justo. O publico com a sua comparea, tanto no Porto como em Lisboa, demonstrou, duma forma iniludível, o apreço que nutre pelas produções cinegráficas portuguesas.



LILY DAMITA

Lily Damita, que o Conservatório de Lisboa educou e cuja graça fez o encanto do público dos cinemas de Paris que assistiu às exhibições da *Poupée de Montmart* e da *Danseuse passionée*, vai para Hollywood, a grande capital do mundo cinematográfico.

Os estúdios norte-americanos não se contentam com os artistas da America; procuram-os em toda a parte e pagam-os a peso de ouro.

Lily Damita vai ali encontrar outros estrangeiros, entre os quais Camila Horn, Greta Garbo, Lars Hanson, Emil Jannings, etc.

—Parto um pouco apreensiva — declarou ela aos jornalistas. — A America é tão grande e eu falo tão mal o inglês... Mas, ao mesmo tempo, sinto uma grande alegria em ir trabalhar nos grandes estúdios americanos de que me contam maravilhas...

Como noutra local se vê, Lily Damita atravessa já o Atlantico, a caminho de Los Angeles.

A sua beleza, o seu talento e a sua graça inimitável impô-lha às gentes americanas e o seu nome, dentro de pouco tempo, será em Hollywood, um nome familiar.

Pode-se, pois, com um certo orgulho afirmar que a velha e gasta Europa ainda produz génios e belezas que tentam e arrostam triunfalmente com a fleugma dos Yankees.

Certos ficamos que Lily Damita, como tem acontecido a outras artistas europeias, ingressará



Uma das ultimas fotografias de Lily Damita

na vanguarda das cine-estrelas que, nos estúdios de Hollywood, actuam para deleite dos cinéfilos dos cinco cantos do mundo.

Os futuros triunfos de Lily Damita encher-nos-hão de contentamento e vaidade; o nosso orgulho, nesses momentos, ficará justificado.

Não foram portugueses os seus primeiros mestres?...

ECOS E NOTÍCIAS

Marie Prevost foi forçada a apresentar um novo pedido de divórcio para cortar o laço matrimonial que a unia a Kenneth Harlan. Como as razões que alegava no primeiro pedido eram insuficientes, o juiz negou-se a atender à reclamante, afirmando que despacharia favoravelmente se lhe fossem apresentadas provas bastantes. Então Marie Prevost alegou que seu marido entrava bebado em casa todas as noites, na companhia de alguns amigos igualmente bebados.

Em face disto, a preciosa estrela do cinema ficou divorciada, com a possibilidade de casar de novo e de esta vez... para sempre.

* * *

Afirma-se que as recentes medidas de protecção que Herriot promulgou, ainda trarão mais complicações.

* * *

Durante a filmagem em Marrocos dalgumas cenas de «O Ocidente» rebentou, fora de tempo, uma bomba que feriu dois operadores e um indígena.

* * *

Está quasi terminada a película «La Venenosa» que tem Raquel Meller como principal figura.

* * *

La Societé des Cineromans é a casa editora de «L'Argent» que Marcel L'Herbier está dirigindo.

* * *

Lily Damita partiu para a America onde trabalhará na M. G. M.

* * *

Adolphe Menjou e Kathryn Carver realizaram, em Paris, o seu anunciado casamento. Adolphe Menjou tenciona filmar, em França, uma película que se intitula «Papá». Será piada?...

Leon Parrier é o realizador de «Verdun», o grande filme francês da proxima época, onde alguns episodios da grande guerra teem merecido particular atenção ao seu dirigent.



Cecil B. de Mille
O grande realizador americano

Já se iniciou a filmagem dos exteriores

* * *

Jacques Feyder será o realizador de «Les Nouveaux Messieurs» que a casa Albatros pensa realizar brevemente.

* * *

Nathalia Lissenko, Maria Jacobini e Gabriel Gabrio serão os principais interpretes duma película cujo nome ainda se não tornou público.

* * *

Vão adiantados os trabalhos preparatorios para a reunião do primeiro Congresso Cinematografico Espanhol.

A filmagem da película espanhola, «Zalacain, el aventurero», iniciarse-á por estes dias.

* * *

Entre os numerosos artistas que F. W. Murnau examinou para escolher os artistas de *Os quatro diabos*, figurava uma rapariga de nome Dorothy Kitcheneu, que representou um pequeno papel no film *O destino da carne*.

A jovem artista terá a seu cargo um dos principaes papeis no filme que Murnau prepara para a Fox, tendo assignado um contracto por cinco anos com aquela casa productora. Isto, porém, com a condição de despojar-se de seu prosaico nome, adoptando um outro mais de cartaz. Passará, por isso, a chamar-se Nancy Drexel.

Ao contrario do que pode supôr-se, não se trata duma artista nova. Dorothy trabalhou em criança no teatro, tendo, porém, de abandoná-lo para completar a sua educação. Depois, ingressou na cinematografia, mediante um concurso fotografico organizado por um jornal de Nova York.

* * *

Charles Farrel e Dolores del Rio serão os principais interpretes do novo filme da Fox intitulado «A Bailarina Vermelha de Moscova».

* * *

Madge Bellamy estava filmando em Hollywood a comédia *Penas de seda*, quando chegaram ali o representante da revista «Cine Mundial» e o jornalista chileno Carlos Borcosque, que ia ocupar o seu lugar de vice-consul do seu país em Los Angeles.

Considerando-os entendidos em questões de meias de mulher, consultou-os sobre se devia calçar meias doiradas ou prateadas numa das

scenas a interpretar. Os visitantes vacilaram, a principio, mas decidiram, por fim, e ao que parece conscienciosamente, o que não deve obstar a que Madge escolha, no momento próprio, exatamente as outras, como mulher que é...

Cecil B. de Mille foi eleito presidente da Associação Norteamericana de Productores.

Caprichos de mulher... ou medo de que isso influísse no casamento? Sabe-se lá...

Numa determinada scena da *Flôr de Espanha*, Vilma Banky devia aparecer com uma grande joia no dedo em que usa a sua aliança matrimonial. Quando o director lhe pediu para substituir o anel, a esposa de Rod La Rocque opôs-se terminantemente, negando-se a despojar-se, por um segundo que fosse, do simbolo do seu casamento. Em face disso foi necessario fabricar uma joia que se ajustasse por cima do outro anel.

Um grupo de capitalistas espanhóis está resolvido a subvencionar a construção dum grande studio, em Madrid.

Raul Walsh vai dirigir, na Fox, a confecção de algumas películas.

O realisador Alexandre Korda sofreu um acidente de automovel tendo recolhido a um hospital. O seu estado, porem, é satisfatório.

Foi concedida a naturalidade americana a Rodolfo Shildkraut que a solicitou em 1923.

Doris Kenyon e Milton Sills são os principais interpretes de «The Hawk's Nest».

Belle Bennet é especialista no de-

sempenho de mãs. A Tiffany Stahl contratou-a para, em quatro películas, interpretar papeis de mãe.

Rod La Rocque e Vilma Banky actuarão juntos numa próxima película dos Artistas Unidos.

Consta em Hollywood que Lita Gray Chaplin, assim que o seu di-



Helen Fairweather
da Paramount — Christie Comedies

vórcio fôr pronunciado, contrairá matrimonio com Roy d'Arcy. Charlie Chaplin quando a sentença se verificar unir-se-á matrimonialmente com Josefina Dunn que por sua vez tambem espera a sentença do seu divórcio. Que grande trapalhada!...

Maria Corda abandonou Hollywood para ir para Inglaterra. Pola Negri, ao terminar o seu contracto com a Paramount, voltará para a U. F. A.

Bons filhos...

Emil Jannings e Florence Vidor são os interpretes de «Alta Traição» cuja filmagem se está realizando nos studios da Paramount.

Herbert Brenon, o realisador de «Peter Pan» e «Beau Geste» é o dirigente da película «Ri, palhaço, ri». Lon Chaney, o protagonista, apresenta, nesta película, uma caracterização admiravel.

Karl Grune, o realisador de «Ciumes», dirigiu a confecção de «At the Edge of the World» que tem como primeira figura Brigitte Helm, a protagonista de «Metropolis».

Ivan Mosjoukin acaba de ser contratado pela U. F. A.

Henny Porten, a artista predileta do público alemão, é a protagonista da película «Lotte».

Arlette Marchal foi contratada pela «Ottol-Film» para interpretar o film «Die Frau von gestern und morgen».

Está obtendo um grande sucesso, na Alemanha, a exhibição de «Espíões», o magnifico film realisado por Fritz Lang.

Desdemona Mazza que toma parte em «Madame Recamier», casou com Raymond Delarbre, o assistente de Pallu.

Diz-se que Douglas Fairbanks e Mary Pickford, antes de partirem para a America, tomam parte numa película que seria confeccionada em Paris. Pode ser mas... não acreditamos.



Emil Jannings numa scena do «Caminho da Carne»

UM GENIO

EMIL JANNINGS

QUEM, um dia tivesse visto projectar no «écran», sucessivamente, algumas scenas das «Variedades», do «Otelo», dos «Irmãos Karamazow», de «Ana Boleina» da «Mulher do Faraó» do «Último dos homens», da «Madame Dubarry», do «Quo Vadis», de «O caminho da carne» e de tantas outras maravilhas da Setima Arte, e desconhecesse os nomes dos seus interpretes, não ficaria decerto pouco admirado, quando soubesse que em todos esses trabalhos entrara, em papeis proeminentes, um mesmo actor: Emil Jannings.

Que extraordinário poder de expressão, que formidável conjunto de

qualidades histriónicas são necessários a um actor, para que possa dar-nos tantas personagens de psicologias tão diversas, de exteriorizações tão diferentes!

Para que um homem consiga realizar de uma maneira tão maravilhosa, como o conseguiu Jannings, uma fileira de criações assim divergentes e minuciosamente caracterizadas, é preciso que na realidade, se seja — um génio.

E' que, de facto, nem os seus antecedentes de actor teatral, aliás prometedores e brilhantes, especialmente no «Deutsche Theater», nem a sua precoce e firme vocação para a ribalta — suprema aspiração do

seu espirito inquieto — eram de molde a fazer nos concluir *à priori* pelas suas geniais realizações no cinema, porque já temos visto grandes actores de teatro, verdadeiras e gloriosas vocações, fracassarem completamente diante da objectiva.

Não! E' preciso alguma coisa mais, é necessário esse *quid*, essa faísca imponderável e misteriosa que só ressalta, luminosa e fecunda, de cérebros privilegiados — numa palavra, é preciso ter-se o poder de Emil Jannings.

Mas, neste homem extraordinário, tudo é extraordinário: desde os lances aventureiros da sua mocidade até à sua estreia no cinema; desde o seu

casamento com a actriz Gussie Holl até à perfeição inexcelsível das suas criações.

Assim, a sua primeira entrada no estúdio da Messter, o que deu brado



Emil Jannings

foi a sua saída, porquanto, sentindo-se melindrado pela qualidade do papel que lhe queriam distribuir, mais proprio dum ginasta do que dum actor, saiu arrebatadamente, batendo com as portas, que ele fechava após si, mas que o destino viria a abrir, de par em par, para a glória e para a fortuna.

E, quando voltou, fê-lo contrafeito, levado por exigências materiais, porque o Teatro era monetariamente uma miséria, enquanto que o cinema lhe daria o vantajoso ordenado de 25 marcos diários...!

E' certo que, em breve, no filme «Fromont jeune et Risler aîné» passou a ganhar 40 marcos!

Quando viu, pela primeira vez, no «écran», as scenas por êle interpretadas, exclamou, ao ver a sua própria figura: «O quê! aquele imbecil sou eu? Eu ando assim tão mal?»

E, cheio de desespero e desalento, declarou que nunca mais filmava, que se ia embora.

Foi preciso agarrá-lo, convencê-lo a muito custo de que tinha representado bem.

Deixou-se convencer e ficou. E' que, com os máximos actores, dá-se por vezes o inverso do que acontece com os mínimos: os grandes julgam-se a si proprios uns «canastrões» e são uns génios, enquanto que os mínimos se julgam uns génios, embora não passem duns «canastrões».

E ficando, Jannings inicia uma carreira gloriosa, fazendo seguidamente: a «Noite de Horror», o «Casamento de Luísa Lotarbach», a «Princesa das Ostras», «Madame Du Barry», «Ana Bolena», «Danton», «Otel», «A mulher do Faraó», «Os Irmãos Karamazow», «Pedro o Grande», «A Condessa de Paris», «O punhal Japonês», «Poder», «Gabinete das figuras de cera», o «Ultimo dos homens», «Quo Vadis», «Variedades», «Tartufo», «Fausto», etc.



Jannings praticando desporto no jardim da sua residência de Hollywood

Muitas destas fitas são ainda desconhecidas em Portugal, facto lastimável para um país onde a Sétima Arte encontra incontestáveis adeptos e Emil Jannings quasi tantos outros admiradores, mas explicável pela nossa situação geográfica que nos coloca infelizmente à margem da Europa...

O CÃO DE RENÉE ADORÉE

Renée Adorée, a adorável interprete de alguns filmes preciosos, a encantadora francesa que com a sua graça e a sua arte comoveu os estúdios americanos, tem um cão, um



pequeno animal, que é o seu companheiro inseparável. O cão de Renée tem, como não podia deixar de ser, a sua história.

Filmava a interessante artista algumas scenas num bosque proximo de Los Angeles, quando os operadores descobriram um pequeno animal, cuja classificação zoológica foi difícil de fazer nos primeiros momentos. Verificando-se, porém, que se tratava dum cão, Renée, afeiçoada, como todas as mulheres, aos animais domésticos, recolheu-o e fez dêle a sua «mascotte».

Há um quadro de Fragonard, intitulado *O amigo fiel*, representando uma mulher, em cujo rosto se adivinham a dôr e o desespero do abandono, e que contempla o seu cão, único amigo que lhe resta e que, adivinhando a sua máguia, a compartilha.

A gravura que hoje reproduzimos contrasta com a tela do notável artista. Renée Adorée sorri, feliz. A sua vida gloriosa e a sua mocidade triunfante falam de alegria e de bem estar. Mas a maneira como se abraça á sua «mascotte» deixa entrever o receio de que o azar a espreite...

Deixando de ser a «mascotte», o cachorro converter-se-ia no «amigo fiel» do quadro de Fragonard.

mónio herdado devia, quanto mais não fôsse definir-se por um conjunto de detalhes que denotassem preparação convicta, estudo, pleno domínio de todas as funções de factura de uma película. Mas, não. Por mais que se investigue e pretenda realçar o seu relevo, não se encontra sequer um pormenor que revele visão, coerência, capacidade construtiva independentemente e inerentemente rática.

Isto explica-se. E' que a lendária falta de confiança que reside entre nós, impede-nos de resolver alguns problemas vitais. Daqui resulta um erro complementar ainda maior senão mais crasso: — pretensa resolução dos mesmos por intermédio de doutrinas eclópicas.

Que urge fazer? Combater, aniquilar por completo esse terrível flagelo que tem ferreteado com um epítáfio as nossas mais belas manifestações: — a *descrença*. Enquanto este espantoso constituir uma obsessão nada logra efectividade no nosso país.

E, contudo, bastaria um pouco de inteligência e perseverança para levarmos a bom termo uma obra edificante e prestigiosa. A nossa vis eridora, como todas as outras, é exuberante e fecunda. O campo da cultura, existe: — a cinematografia. Falta a semente, o germen da fecundação: — o capital.

Em cerca de setenta filmes até hoje realizados em Portugal houve matéria mais que suficiente para se alicercear e erigir o nosso edifício cinematográfico. Ocorre perguntar. Quais as causas da não sequência dos trabalhos? Que motivos imperiosos coagiram certas boas vontades a abandonar o *cinema*?

Consultemos a experiência. As causas — diz-nos ela — que jizaram o necrológio de tudo quando até hoje se tentou, foram: — a incúria e a falta de tracto do Capital.

Se, antes de se iniciarem os trabalhos preliminares da fundação de uma Empresa, houvesse da parte daqueles a quem a actividade filmica obsidiava, o desejo abrupto de saber, o cuidado metuculozo e subtil de conhecer o assunto em todas as suas particularidades, ainda as mais nimias, insinuavam-se nos grandes centros de produção e, ai, prescrutando e avassalando, acabavam por assimilar o que mais tarde lhes permitia marcar, criteriosamente e com conhecimento de causa, os vários objectivos que os seus planos de trabalho pretendessem atingir.

Não. Não se faz isso. Ora ninguém nasce ensinado. O resultado viu-se...

Chamaram-se técnicos — que irrisão! — que nunca tinham prestado provas em parte alguma — se as prestaram não abonaram competência; a obra por eles realizada em Portugal documenta a sua falta de capacidade — como aconteceu com *alguns* que nos exploraram infamemente; burlando-nos inteiramente e a cada passo com a insuficiência e a exiguidade da sua preparação, isto para não citar os golpes de audácia levados a efeito por *outros* que, para complemento e afirmação da nossa absoluta e santa ignorância, prestámos-nos a servir joguete, proporcionando-lhes todas as facilidades, implicitamente materiais, sem sequer suspei-

tarmos que estávamos a contribuir para um descarado *debut*. Isto só em Portugal!

Consequentemente, e apesar de todos estes deslises, a nossa cinematografia enferma de anomalias de muio vulto. Porém, a falta de brio nacionalista computa todas as negligências, resume todos os erros.

Porquê!... não ouve o cuidado da aprendizagem. Se êle tivesse existido por parte de algumas Empresas, o recurso aos estranhos seria desnecessário, e hoje teriamos pessoal devidamente habilitado a desempenhar qualquer função menos complexa.

Mas, perguntar-se-à era possível, viável e lógico, o adestramento com elementos de escassa cultura? Era — muito embora ela fôsse superficial e imperfeita. A reflexão completaria depois na prática as deficiências da absorção.

Em determinados casos, o erro é um grande mestre. E, em cinematografia como em qualquer outra Arte, a perfeição é uma consequência da correcção de linhas, de formas, de volumes perspectivados.

Pois em Portugal os erros consecutivos criaram escolas. Essa escola diplomou alguns técnicos. E se êles ainda não afirmaram o seu valor foi pelo simples facto que é peculiar rotular todas as nossas manifestações: — *o que é nosso não presta*.

Malfadada terra a nossa! Como isto é vil!

Enquanto outras nacionalidades estudam, promulgam e executam medidas salutareas e práticas, visando o aproveitamento de todos os seus valores, nós entregamo-nos a controvérsias vãs ou a dialécticas de carilhão...

Ora, não são palavras que resolvem o problema. São factos, obras de inequívoco valor. Porque só elas possuem a facultade de aniquilar, de uma vez para sempre, esse estúpido pessimismo que tem feito baquear tanto esforço honesto. Debele-se a suspeita de que somos incapazes de produzir o que quer que seja de bom. Esmague-se o *deficit* de competência técnica e artística que se julga existir entre nós. De contrário o problema da produtividade filmica em Portugal não passará duma miragem.

Mãos à obra, pois. Iniciemos a cruzada de confiança e a cinematografia portuguesa será um facto.

Haja brio! Sem ele o problema não tem solução.

ANTONIO FERRO

A revista «Cine» regista com desvanecimento a inclusão do nome do brilhante jornalista Antonio Ferro no numero dos seus colaboradores.

Antonio Ferro, que é um cronista de extraordinario poder pictórico e uma requintada sensibilidade de artista, que não carece de adjectivos vai ter ocasião de deliciar os seus inumeros admiradores com as suas impressões e a sua critica, dentro do campo ilimitado da Setima Arte.

Exigencias artisticas

de

JOHN BARRYMORE

Ao que parece, John Barrymore não está com sorte no cine. A película *Tempestade*, foi começada três vezes, tendo-se gasto uma fortuna com scenas que não foram utilizadas. Mudou-se tres vezes de director e de primeira actriz, a fim de satisfazer os desejos de Barrymore. Começada com Slav Tourjansky, como director, e Vera Voronina, como artista, em breve se escolheram Lewis Milestone para auxiliar aquele e Dorothy Sebastian para substituir esta. Um mês depois Tourjansky era afastado, indo Dorothy trabalhar num filme da Metro. Em face disto, foi resolvido aproveitar os serviços da artista alemã Camila Horn e colocar, no lugar de Tourjansky, Sam Taylor.

Pela terceira vez se começou a película, perdendo-se tudo quanto se fizera até ali. E' possível que a obra tenha saído admiravel. O que ela ficou, sem duvida, foi dispendiosissima.

Daqui se pode deduzir o extraordinario cuidado que John Barrymore emprega nos seus trabalhos. Como se vê, esse cuidado origina exigencias tais que, daqui a pouco, continuando Barrymore a fazer tanta substituição, as estrelas de Hollywood para se não queimarem terão de se negar aos convites do grande galã americano. E, depois... ou Barrymore trabalha com *stars* de ocasião, ou abandona a filmagem por falta de damas apropriadas.

Todo o bom cinefilo português deve lêr a "Cine"

OS PIONEIROS DO CINEMA

NO seu livro *Au pays du film* conta Ferri Pisani como Lasky e Cecil de Mille se tornaram os grandes pioneiros da arte cinematográfica. A curiosa aventura constitue uma magnífica lição de energia e de audácia que vale a pena divulgar.

Nessa altura o «ecran» não conhecia films superiores a 200 metros, em que amadores sem scenari e sem mise-en-scene gesticulavam ao sabor da fantasia dum director improvisado. Nada de studios e de luz electrica. Os interiores abriam-se ao ar livre, tendo como decoração simples panos pregados em postes.

A chegada dos dois jovens empresarios ao Grande Oeste fez-se nas mais tristes condições, pois haviam sido obrigados a fugir de Broadway, a grande rua fulgurante onde em letras de fogo se leem os nomes das grandes celebridades do teatro Yankee. Lasky e Mille tinham conhecido já, na grande cidade aniquiladora de homens, o orgulho e o proveito dos vencedores — o primeiro como director das *Folies Benjénel* e o segundo como empresario de *Prends courage*, a grande peça musical e optimista.

Uma manhã, porém, apesar dos felizes auspícios do seu titulo, o negocio de Cecil de Mille foi por agua abaixo, deixando o seu autor arruinado, sob a ameaça da bancarrota, tão inutilisado (*broken*, dizem os americanos), como o do seu colega Lasky, cujo music hall, na mesma altura, caía nas garras dum bando de crédores.

Em face disto, que remedio senão partir para o Grande Oeste? O seu gesto equivalia ao do desesperado que nos tempos de hoje se alista nas legiões estrangeiras. Mas Cecil de Mille e Lasky chegaram com alguns dollars na algibeira a Los Angeles. A curiosa cidade mal se erguia no campo preparado pelos primeiros emigrantes, entre os quaes havia de tudo, até aventureiros da peor especie. Os dois pioneiros levaram na sua mala de viagem um scenario o avô dos scenarios, traçado de resto no enredo duma obra real. *The*

COMO SE MONTOU EM HOLLYWOOD O PRIMEIRO STUDIO CINEMATOGRAFICO

Squaw (a Indiana) seria o primeiro film digno deste nome, um film nacional, que para as multidões como-politas de Nova York, de Boston e de Filadelfia reconstituia a vida grande Oeste americano, as galopadas dos seus cow-boys, as guerrilhas dos seus Peles Vermelhas ainda insubmissos, a miragem das suas terras ainda por explorar.

Nesse tempo, Hollywood não era mais do que uma simples paragem na estrada que leva do Pacifico ao outro lado. Quem podia imaginar que um dia o cinema faria daquele bairro de Los Angeles o ponto forçado dos reis da arte muda e que nos seus contrafortes selvagens cem milionarios construiriam ali as suas villas sumptuosas?

Para montarem o seu unico projector, de Mille e Lasky fizeram-o numa granja de gato. Que lhes importava? Instalaram-se. Uma troupe de artistas de teatro encontrava-se em *panne* nos arredores; os dois pioneiros contrataram a. Um fotografo ambulante passava: chamaram-o. E os dois futuros directores da *Famous Players* meteram hombros á tarefa. A *Indiana*, vendida por 30:000 dollars, soma fabulosa para aquele tempo, seria o ponto de partida da produção americana que, só nos Estados Unidos provocou a criação de 25:000 cinemas e a constituição da terceira industria do Novo Mundo, industria que faz gastar anualmente mais de 200 milhões de dollars para a produção de 45.000 kilometros de films. Nos Estados Unidos nada menos de dois milhões de pessoas vivem do cinema, cabendo só a Los Angeles 60.000.

No local da granja primitiva ergue-se hoje o estudio da Paramount. A' sua volta surgiu uma capital cinematografica, cujos edificios cobrem vinte hectares e onde o planalto prin-

cipal não mede menos de 8:000 metros quadrados.

Uma sub-estação electrica duma potencia de 8.000 volts ilumina a instalação gigantesca, d'onde saem 1.000 kilometros de positivos por semana. Mas não é toda a gente que entra na cidade do cinema. Nenhum estudio do mundo é mais bem defendido dos curiosos e dos debutantes do que o estudio Lasky.

A' força de me vêr ao guichet todas as manhãs, a minha cara tornou-se familiar ao *casting director*, até ao dia em que ele, olhando-me detidamente, me disse:

— Entre. Irá desempenhar o papel de cosinheiro no *Admiravel Crichton*. Um papel? Emfim! O personagem do cosinheiro do *Admiravel Crichton* é tão importante como o do medico no *Roi s'amuse*. O homem de sciencia, no drama de Victor Hugo, diz duas ou tres palavras; o film de Cecil de Mille apenas me auctorisava a esboçar um unico gesto — servir os criados do castelo, a Thomaz Meighan, Lila Lee e Wesley Barry.

Ferri Pisani conta depois que, tendo-se aproximado de Lasky e de Cecil de Mille, pode entrevistar Adolfo Zukor, o rei do cinema americano.

— Como entrou na vida?
— Criado de armazem a dois dollars por semana.

— Qual o segredo do seu triunfo?
— Quatorze horas de trabalho por dia. Tenho cincoenta anos e faço isto desde os desesseis.

Quando se resolve a gosar o repouso a que tem direito?

— Nunca. Um americano morre á mesa de trabalho. Na nossa terra, mesmo os velhos que caíram na infancia continuam a trabalhar.

E a proposito, contou a historia dum velho milionario doido, que todos os dias, cercado dum numeroso pessoal de escritorio, dictava a sua correspondencia que não seguia e dava ordens que não eram cumpridas — só para que a ideia do repouso e da inactividade não abreviasse a sua morte.

UMA NOVA ESTRELA

CLARA BOW

Já viste, leitor, uns olhos, mais garôtos, uma expressão tão *coquette* e gestos endiabrados como os olhos, expressão e gestos da Clara Bow? De certo que não. Ela é inconfundível. A Clara Bow, a novel estrela da Paramount, é a mulher do nosso tempo, do jazz, do Charleston, da gargalhada perene, quasi da inconsciencia, enfim... da primeira trintena do seculo vinte.

Ela triunfou e impoz a sua fórmula especial. «It» que entre nós se exhibiu com o rótulo de «Aquila» diz, eloquentemente, qual o género do temperamento artistico de Clara Bow. E, nesta modalidade, queremos parecer que ela é insubstituível. Não se julgue, porem, que sendo esta artista perfeita nuns personagens de certa indole, possa ou deva incarnar outros de diferente temperamento. Exemplifiquemos. Tu, leitor, que a viste em «Aquila» podes concebê-la a interpretar uma dama galã ao estilo de 1830, com amplas saias rodádas, num cuidado jardim, a desfolhar um malmequer à palida luz da lua enquanto espera o homem a quem adora? Decerto que não. Vejam-se as peluculas em que ela tomou parte. «Divorciamo-nos», «O Paraíso Proibido», «A Fugitiva», «Filhos do Divorcio», «Asas», etc., são as provas concludentes de que Clara Bow só pode interpretar personagens de temperamento irrequieto, de psicologia especial e de graça natural. Basta dizer que Elinor Glynn, a famosa novelista cinegrafica, confessou que era impossivel que «It» fosse interpretado por outra artista, pois nenhuma possuía as qualidades que a rúbrica exigia.

Não importa saber se Clara Bow é feia ou bonita, elegante ou não. O seu maior predicado — a garridice — é o que se deve fixar porque ela por isso mesmo, se torna sobremaneira adoravel, como adoraveis são todas as raparigas do nosso tempo que, graciosas, inquietas e algo inconscientes, fazem os homens dementes e perdidinhos de todo por causa... delas.

* * *

Clara Bow nasceu em Brooklyn, no ano de 1905. Conta, pois, vinte e tres risonhas primaveras. Aos

quinze anos ganhou um prémio de beleza e teve os habituais oferecimentos para trabalhar no cine. Cheia de alegria aceitou o oferecimento e foi-lhe dado um modesto papel numa pelucula cuja protagonista era interpretada por Billie Dove; porem, Clara Bow, pela sua falta de pratica na *maquillage*, inutilizou to-



Clara Bow

das as scenas em que interveio, e completamente desiludida voltou ao seu colégio e aí terminou o seu curso de contabilidade.

Dois meses depois, Elmer Clifford, novamente a convidou, e Clara Bow, pela segunda vez, cheia de esperanças, ingressu no cinema.

Vinte e dois meses levou a Clarita em ensaios e aprendizagem, tempo suficiente para outra qualquer desistir de vez, mas Clara Bow foi persistente e venceu. Estreiou se num importante papel do filme «Down to the Sea in Ships».

Foi assim a iniciação de Clara Bow que na interpretação cinegrafica criou um novo tipo. O seu caso é mais um exemplo frizante da dificuldade que aos novatos se depara, e mostra-lhes que, para vencer, a perseverança é factor primordial do triunfo.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.



A CIGARRA E A FORMIGA

É O FILME QUE SE ESTREIA,
DIA 1 DE JUNHO, NO
♦♦ SÃO LUIZ CINE ♦♦



Como se diz na Fábula, a cigarra cantou durante todo o verão...

Contando a história às crianças que o ouviam enlevadas, o pastor da aldeia depressa reconheceu quais delas eram as cigarras e quais as formigas.

Entre as cigarras encontrava-se a pequena Camila, que não fazia senão cantar, rir e dançar, sem outra preocupação que não fôsse a de se divertir e que, embora muito nova, se deixava já seduzir pelo luxo e pelo prazer.

A formiga era a doce Maria Teresa, em cujos olhos enormes se reflectiam a tranqüilidade da sua alma laboriosa e o seu coração trasbordante de bondade.

Passaram anos. Maria Teresa trabalha em casa do moleiro Voret, de quem é empregado de confiança e que, adivinhando-lhe tôdas as boas qualidades, quer fazer dela a mulher de seu filho Armando.

Mas o rapaz não vê outra coisa senão Camila, cuja companhia alegre seduz e prende o seu coração moço. Não querendo, porém, ir de encontro à vontade do pai, concorda em casar com Maria Teresa.

Camila, ferida no seu amor próprio de mulher, aproveita-se do facto de Jacques Vaillant, rico rendeiro dos arredores, a cortejar, para despertar os ciúmes de Armando.

O estratagema deu o resultado esperado. Na véspera do casamento, o rapaz, desorientado, foge com aquela que julga amar e com quem espera ser feliz, deixando a noiva debulha da em lágrimas e o pai furioso.

Jacques Vaillant, porém, que adora Camila faz todos os esforços para descobri-los, encontrando-se os dois rivais à mesa de um restaurante. Jacques mostra-se contente e adivinhando que a fortuna de Armando não é inexgotável, apresenta-lhe

um agiota que em breve tomará conta da sua magra bolsa, ao mesmo tempo que apresenta a Camila um artista de cinema que a convence da sua extraordinária beleza cinematográfica, predizendo-lhe um belo futuro.

Desde esse momento a cigana tonta não sonha senão com a gloria do *écran*, enquanto Armando, sentindo que ela lhe escapa, falsifica a assinatura do pai num contrato para arranjar dinheiro com que lhe compre os vestidos e as joias que a conservarão a seu lado...

Não o consegue, porém. Enquanto lá longe, na aldeia, Maria Teresa arrisca a sua honra e o seu dinheiro para que o velho ignore o crime de seu filho, Camila foge com Jacques para o campo onde se realizam as ceifas.

Quando chegam, a festa da lavoura está no auge. Dança-se, canta-se, ri-se e o ruído é tanto, que abafa o grito de socorro de Camila que assiste impotente à luta selvagem que se trava entre Jacques e Armando, batendo-se por ela.

Ao impulso e sob o peso dos combatentes, a varanda em que se encontram derrui e Armando cai sem sentidos aos pés de Maria Teresa que fôra ali para vêr Jacques.

A pobre e pequena formiga, esquecida toda a sua dôr, conduz o ferido para casa de seu pai, enquanto Jacques e Camila se afastam num turbilhar doido de prazer.

Jacques vendeu tudo — terras, prédios, animais — Camila é insaciável. E como a ruína se aproxima, Jacques lança-se no jogo e, a seguir, no roubo indo parar à prisão.

Quando chegou o inverno...



Esta frase ressoa lugubrememente aos ouvidos de Camila, que regressa cansada e com fome à casa materna, onde em breve se lhe juntará o pobre Jaques, que pagou o seu desvaio.

E ali, na tranqüilidade da vida rústica, auxiliadas por Maria Teresa e por Armando, que lhes perdoaram, as duas pobres cigarras procuraram refazer a sua existência e esquecer as amarguras a que a sua falta de senso deu origem.

* * *

«A Cigarra e a Formiga» é uma película da U. F. A. de Berlim. Para aqueles que andam ao corrente das coisas cinematográficas, as três letras U. F. A. são a maior garantia de êxito. Quem não conhece as inúmeras produções que nos estúdios desta Empresa se confeccionam? «Fausto», «Nibelungos», «Variedades», «O Último dos Homens», «Metrópolis» e tantos outros filmes atestam e comprovam o alto critério dos seus dirigentes técnicos.

«A Cigarra e a Formiga» pelo seu afabulado lógico e humano, prende, scena após scena, e cada vez mais, a atenção do espectador. Para classificar a sua realização bastam os lindos quadros em que, comparando a acção com a imortal fábula de La Fontaine, as cigarras e as formigas executam algumas scenas de primoroso efeito discritivo. E que bizarros contrastes se não encontram no ritmo dos bonecos articulados que tão bem dão a impressão das impenitentes cantadeiras e das activas formigas!

Camil Horn, que admirámos no «Fausto» e Gustav



Froheliich, que em «Mestres Cantores de Nuremberg» apreciámos, são os principais intérpretes de «A Cigarra e a Formiga». Qualquer desnecessita de adjectivos porque estão consagrados pelos seus anteriores trabalhos. Os restantes artistas dão ao conjunto um apreciável equilibrio.

A fotografia é primorosa. Desde a sábia distribuição da luz que marca zonas luminosas, sombras, penumbras e os esbatidas das transições, até à notável profundidade de foco e de nitidez, toda a foto de «A Cigarra e a Formiga», no decorrer dos seus quadros de gosto pictórico, se impõe como um elemento de alto valor. Os decórados, pelo valor artístico e character, dão o justo ambiente de todas as scenas desta película.

A película «A Cigarra e a Formiga» é distribuida por Raul Lopes Freire



CORRESPONDÊNCIA

«Cine», ao iniciar a sua publicação, deseja satisfazer a curiosidade dos seus leitores. Todos, nesta secção, encontrarão as respostas, explicações e conselhos. A correspondência deve ser enviada para o Largo Trindade Coelho, 10.

Mario da Conceição Vieira:—Antonio Moreno, M. G. M. studios, Culver City, California; Lillian Harvey, Friednau, Dusseldorferstrass 47, Berlim; Monte Blue, Cecil B. de Mille studios, Hollywood - California.

Julio Gonçalves Ralaça:—Renée Heribel, 54, Rue Pennequin, Paris; Suzanne Bianchetti, 6, Rue d'Aumale (IXme.); Josephine Baker, 40, Rue Fontaine, Paris.

Lina:—Ser fotogenico é a principal requisito de todo o artista cinegrafico; outro é ter vontade. As damas devem ser graciosas. Muitas vezes pode-se fazer um juizo por uma boa fotografia. Não pense em escolas, não? A verdadeira escola é o estudio e a aprendizagem resulta do trabalho. Sempre ás ordens, gentilissima Lina.

João Gomes:—Iavieta Film, Carvalho, Porto; Tagus Film Ltd.^a, Rua do Cabo 106-2.º; Lisboa Film Ltd.^a, Rua do Ouro, 140-2.º.

Joaquim Paulo da Gama Pinto:—A. Faro é português. Artur Duarte trabalha na U. F. A. Tem entrado nas figurações e, agora, faz um bom papel em «Batteau de Verre». Em Portugal tomou parte na «Sereia de Pedra», «Olhos da Alma», «Pupilas

do Sr. Reito:» e «Primo Basilio». Teddy, cinematograficamente, não existe.

Cinemaniaco:—Gabriel Gabrio, 62, Rue Leibnitz (18. me.), Paris; Maria Corda, First National Studios, Burbank City, California.

Cartolas:—1.ª Veja resposta a Lina; 2.ª Essa Associação, pelo que sabemos, está a tomar fôlego, mas tudo indica que morra nesse lindo trabalho; 3.ª Veja resposta a Lina.

Santos Monteiro:—Janet Gaynor, Fox Film, 5.ª Avenida, Hollywood, California. Envia a fotografia. Escreva-lhe em inglês.

Ilda Rosa M. Correia:—Veja noutro local a morada de Tagus Film Ltd.^a e escreva.

Francisco Gabriel dos Santos:—Dirija-se á Rua Sociedade Farmaceutica 35, cave.

Belamy:—Jenny Jugo, Berlin—Halensee, Kurtuerstendamm 152, Alemanha. Escreva para R. Santo Ildifonso, 48.

Jorge Gomes:—A tudo isso se chama *Travelling-camera*. Clara Bow, Paramount Studios, 5451 Marathon

St., Hollywood, California; escreva-lhe em inglês.

José Bento:—Dolly Davis, 40, Rue Philibent-Delorme, Paris (XVII me.) Do outro assunto nada lhe podemos dizer.

José Silva Guimarães:—A esse fechar em circulo, como diz, chama-se: fechar em *iris*.

Admirador da Janet Gaynor:—Sim senhor, um autentico sucesso. Segundo informações que temos, os aplausos prolongam-se por dez minutos. A nossa curiosidade, além de «Sunrise», espera, também, o «Anjo da Rua».

Jorge Tavares da Silva:—A máquina estava colocada num elevador. Wallace Reid morreu, segundo consta, pelo abuso de estupefacientes.

Nunes Monteiro:—Pode-se gabar de nos ter feito suar, mas ao fim de bastante trabalho conseguimos saber que H. Starevich, o famoso realizador russo, foi contractado pela «Cinéromans».

Natercia:—Suzanne Bianchetti, 6, Rue d'Aumale, Paris (IX me.). E' verdade. Roscoe Arbuckle (Fatty) regressa aos Estados Unidos. Não sabemos se irá filmar.

Sapientis.